

SEMANARIO HUMORISTICO

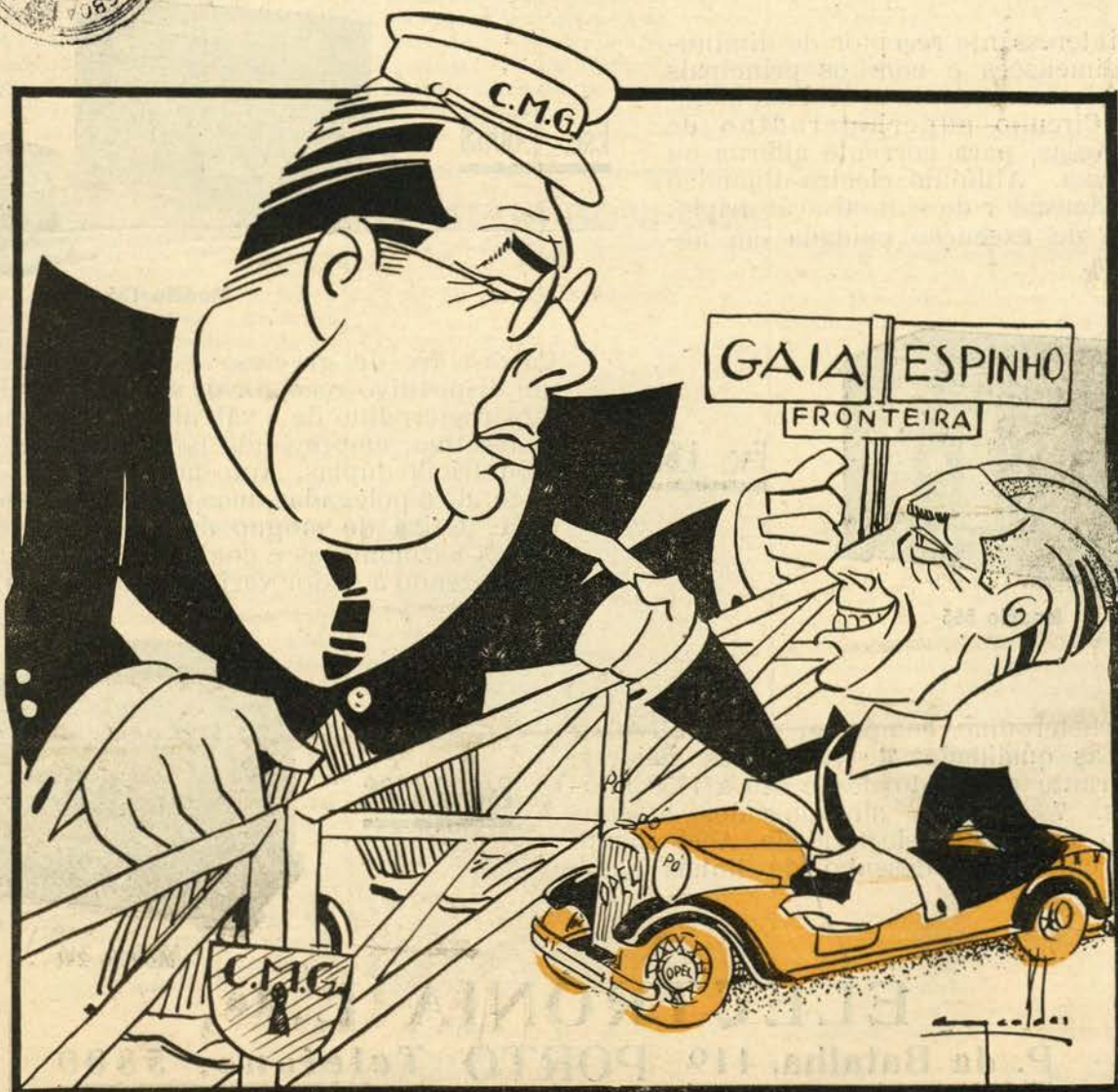
FRONTIÇA

Luiz Caldas

Direcção literária de JOSÉ DE ARTIMANHA e DR. KNOX



AS INTERPOSIÇÕES DO ENTREPOSTO



O do automóvel — A mim e ao meu carro ninguém nos inspecciona, porque eu também sou da Inspeção...

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.ª

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819—PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Direcção literária de:

JOSÉ DE ARTIMANHA
DR. KNOX

Condições de assinatura:

Continente e ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

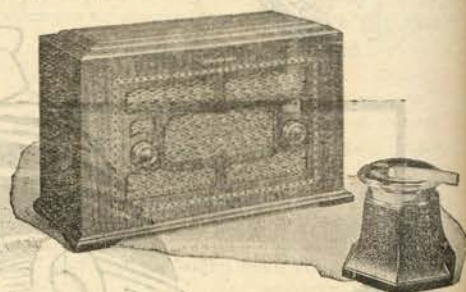
Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo
Anúncios: Preços convencionais

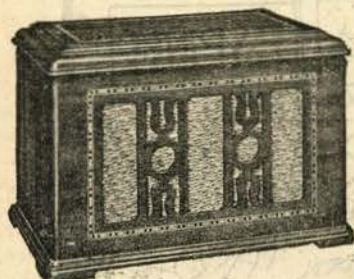
3 soluções económicas de ATWATER KENT RADIO

Um interessante receptor de diminutas dimensões e com os principais aperfeiçoamentos de aparelhos maiores. Circuito superheterodino de 5 válvulas, para corrente alterna ou contínua. Altifónio electro-dinâmico e condensador de sintonização tripla. Caixa de execução cuidada em nogueira.

Esc. 1.000\$



Modelo 155



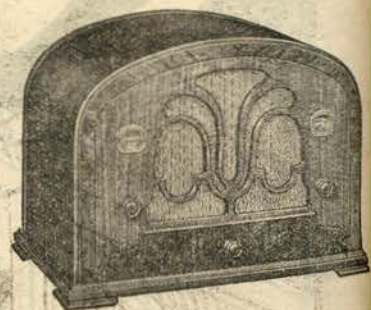
Modelo 555

Esc. 1.600\$

Caixa-cofre de gracioso aspecto encerrando um dispositivo receptor de soberbo resultado. Superheterodino de 5 válvulas, muito sensível e selectivo, empregando lâmpadas pentodo e diodotriodo duplas. Auto-falante electro-dinâmico, de 6 polegadas, mas de invulgar sonoridade. Caixa de mogno de S. Domingos, de linhas harmoniosas e com bonitos embutidos, satisfazendo a maior variedade de gostos.

Superheterodino compacto, de 6 válvulas, com as qualidades de receptores maiores. Quadrante graduado desde 540 a 1750 kilociclos; 7 circuitos sincronizados assegurando a máxima selectividade. Acabamento bem cuidado e desenho de linhas agradáveis.

Esc. 2.450\$



Modelo 246

ELECTRÓNIA L.ª,
P. da Batalha, 119 PORTO Telefone, 5800



Factos e prestações

Crónica anacrónica

No Comando da Polícia de Braga deu entrada a seguinte participação, assinada pelo regedor da freguesia de Vilaça:

«Eu abaixo assinado participo a V. Ex.^a contra Manuel Fernandes sapateiro no lugar da Estação de Tadm. Por abertura entrada como sócio de uma rifa de calçado, tendo dado prencípio no dia de Agosto de 1933. Eu Manuel Santos Soares declaro a V. Ex.^a que eu é tido em meu poder dous nomaros 43-49 a onde o 43 lho é comprado a êle mesmo e o 49 o é comprado eu a um outro só socio passado 10 semanas. A onde eu é querido umas botas para o dia 16 de Abril deste mesmo ano êle me é igeigido todo o dinheiro adiantado, a sim se quedou pago do nomaro 43, completando-lhe 100\$00. Aonde esse mesmo no...maro 43 e sido soltiado no dia 10 de Juho.

Desde então entramos em acôrdo de esse dinheiro que tinha adiantado para o nomaro 43 passa-se para o nomaro 49, desde então lhe é pedido para-me fazer o calçado a que tenho direito e êle me tem enganado até que-me dispôs em duas testemunhas proquntar-lhe se eu lhe tinha todo pago a fim da rifa e me é declarado que sim também, etc. etc.

Pesso a V. Ex.^a para que não a seite participação minha contra Manuel Fernandes sem primeiro ser eu oubido por que já mais estão padecendo da mesma pena. S. F. — Manuel Soares, regedor de Vilaça».

Evidentemente, o estilo e a grafia em que o documento está redigido não são de molde a proporcionar ao seu autor o ingresso numa Faculdade de Letras. Pode, quando muito, abrir-lhe as portas da Academia das Ciências, — que é também uma espécie de rifa de calçado, cujo sorteio faz surgir com frequência botas de grande calibre.

Mas é de há muito sabido que as autoridades paroquiais se não exige um regular conhecimento da língua pátria. O que se lhes exige é que disponham de influência política. E, muito provavelmente, o regedor Manuel Soares, tão infeliz na rifa das botas, é mais feliz quando se trata de angariar votos. Esta qualidade faz com que lhe perdoemos o quasi-analfabetismo. Já o outro asseverava, orgulhoso e desvanecido:

— Se tenho cinco mil contos, pra que diabo preciso de saber ler e escrever?

um quarto de século. Nesse tempo, não tinha eu ainda o juizo suficiente para refugir ao charco infecto que se chama Política. Pedinchava votos, concorria às urnas com os sequazes que conseguia arregimentar, vigiava escrupulosamente, ciosamente, a confecção do recenseamento eleitoral. Quanto tempo e quanta energia desperdiçados, que mais úteis poderiam ter sido em melhor aplicação!

Ora aconteceu que um dado individuo do concelho da Maia, Gonçalves de apelido, filiado no partido adverso ao meu, solicitou a inserção do seu nome na lista dos futuros eleitores, com o fundamento de que sabia ler e escrever como um bacharel em direito. Tinha eu a certeza do contrário. O homem era inteiramente analfabeto. Mas a comissão do recenseamento, que estava com o governo, e a quem convinha não

perder aquele voto seguro, inscreveu-o no rol a-pesar-dos meus protestos.

Poucos meses depois, caía o ministério, subia outro de cor absolutamente oposta, e eu era alçapremado a administrador do concelho. Tratei de nomear os regedores. Ao chegar a uma das freguesias do extremo norte, vi-me a braços com esta séria dificuldade: não se encontrava em toda ela, um único homem do meu partido. Este facto, porém, não podia obstar a que a freguesia tivesse um regedor. Todo o cidadão era obrigado a aceitar esse cargo desde que não fosse analfabeto. E fuzilou-me no cérebro uma ideia que me fez sorrir: nomear o senhor Gonçalves.

Apenas este recebeu o officio e o alvará, correu a Administração.

— Senhor doutor! — suplicou, humildemente. — Eu não posso ser regedor, porque não sei ler nem escrever.

— Isso é que sabe — insisti. — Está aqui o requerimento que o senhor enviou há meses à comissão recensadora, escrito pelo seu próprio punho e perante o secretário da comissão e duas testemunhas. Se o senhor me diz que mentiu, vejo-me obrigado a mandá-lo para a cadeia, mais aos outros três figurantes da comédia.

O desgraçado meteu não sei quantos empenhos para que o deixasse em paz. Conservei-me inabalável. Teve de agüentar-se. Mas como não sabia escrever, via-se obrigado a fazer verbalmente as suas participações. Durante um ano foi raro o dia em que não calcuuriou uma dezena de quilómetros, entre a sua casa e a Administração, para me comunicar que tinham roubado uma cancela ao lavrador Fulano ou que duas vizinhas se tinham travado de razões, arrependendo-se os cabelos e agatanhando mutuamente as faces. Certo dia, tive a crueldade de lhe oferecer uma *Cartilha Maternal*, com a insinuação de que, se desse um pouco de trabalho à cabeça, pouparia o do pé. Ele teve um sorriso triste e murmurou:

— E' tarde, senhor administrador. Burro velho não toma andadura!

Que profundo suspiro de alívio ele não teria soltado, no dia em que o governo caiu e eu pedi a minha demissão!

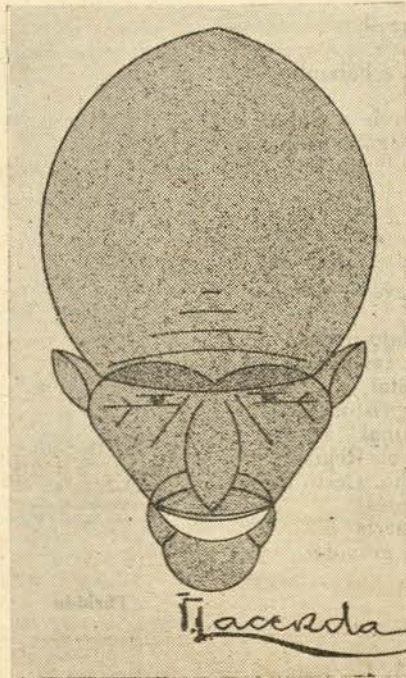
Nunca mais o tornei a ver. Há tempos, passeando na terra, perguntei por ele. Disseram-me que tinha transferido a sua residência para Lisboa. Deve ser, a estas horas, fazedor de revistas para qualquer teatro popular.

Marcial Jordão.

OS MEUS BONECOS

XI

D. Jacinto Benavente



Um dramaturgo que sendo estrangeiro, até parece nacional. Também faz lembrar o Gandhi...

A participação do regedor de Vilaça trouxe-me à lembrança certo episódio ocorrido há

Balancete da semana

Explodiu um petardo libertário em Córdoba, matando um lavrador; outro em Xerez: feriu um proprietário; outro em Placência: matou um pintor. Na Corunha, onde a greve continua, rebentou um petardo truculento que encheu de lama e sangue toda a rua, pondo vidas e haveres em perigo. E em Cádiz foi destruído o monumento — também por explosivo violento — de Pablo Iglésias, democrata antigo. «São os grevistas quem a tal se atreve» diz a imprensa. E é de crer. Como não teem agora que fazer tratam de bombas, que é officio leve.

*
* *
*

Aquele hotel da Havana, armado agora em baluarte e centro do ministério que se foi embora, mostra-se, p'ra o govêrno que vigora, mais amargo que o sumo de um coentro: nem os oficiais veem cá fora, nem os sargentos podem ir lá dentro. Fazem-lhe um cerco em forma: mil soldados em círculo dispostos, bem armados, sob um sol que faz mal a quem o apanhe; e em cima, nos salões, soam detonações que não matam ninguém: são de champanhe. Baptista, o ditador, anda num desespero. Os outros, bebem vinho, do melhor, e os sargentos, a zero. Só fica indiferente e nas encolhas o tímido povinho, que diz, alçando os ombros e baixinho, depois de ler as fôlhas: — «Seja quem fôr que saboreie o vinho, sou eu quem, fatalmente, paga as rolhas».

*
* *
*

Constantemente «crimes graves». Como o tempo vai mudado! Cravando os dentes no vedado pomo, a gente de hoje encharca-se em pecado. Cada homem é um sátiro fatal, e elas são todas ninfas, pelo visto, mas só apelam para o Tribunal ao verem que as não levam ao Registo. «Crimes graves»... Não acho. Certo havia outra designação em português. De gravidade, não. Melhor seria chamar-lhes crimes, mas de gravidez.

Turiddu

No passado domingo realizou-se em Lisboa a sessão inaugural do Congresso Internacional de Geodésia. Tomaram nela parte representantes de trinta países. A sessão, presidida pelo sr. Presidente da República, foi aberta pelo sr. Ministro da Instrução. Lindas coisas se disseram, grandes afirmações se fizeram, choveram os elogios mutuos, as frases pomposas, etc.

E tendo falado em primeiro lugar o nosso ministro, achamos nós, na nossa pouca visão política internacional, que sua Ex.^a não devia perder a oportunidade de, em termos suaves, fazer aos trinta doutos sábios ali reunidos uma pequena lição de geografia, explicando-lhes, à face de mapas, o que é o nosso país e em que ponto do globo se encontra, para assim acabar de vez com a velha pecha das correspondências estrangeiras que até nós chegam com o rotulo: *Lisbon-Spain*.

Em Cuba teem havido e continuam a haver... mosquitos por cordas. Soldados que mandam, oficiais que obedecem, sargentos que são nomeados generalísimos enquanto todos, como ratos, disputam entre si migalhas de um pão bolorento, vai-os mirando gulosamente, de olhos fuzilantes, o grande gato às riscas do U. S. A.

Onde e como acabará uma loucura colectiva de um povo que anda a brincar com uma independência? Quando lhes chegará um sopro de razão que os faça estar quietos, que lhes acabe como os sucessivos movimentos revolucionários, em incubação permanente?

Mas como querem os leitores que esteja quieta uma terra que se chama Havana e que não haja incubações revolucionárias em Cuba?

NAS

Galerias Lafayette

— da Rua 31 de Janeiro, 215—PORTO—

todos os artigos
teem um cunho
parisiense inexcédível

AUX GALERIES LAFAYETTE

Visitem **ESPINHO** -- Magnífico Casino

PROJECCÕES DE BRAGA

As melhores línguas da nossa terra — Opiniões de vulto
— Braga vai ao Congresso — Saltos de língua e língua
aos saltos

Dos Jornais:

Congresso internacional de línguas

Roma 12. — Perto de tresentas adesões chegaram do mundo inteiro ao terceiro congresso internacional linguístico. — H.

Ao depararmos com esta notícia, sentimos verdadeiro confrangimento verificando a mesquinhez do Congresso Linguístico Internacional.

É quasi inacreditável que, entre tantos milhões de habitantes, das mais diversas raças, existam apenas, aproximadamente 300 adesões.

Se êle há tanta língua!!!

Línguas para todos os gostos, vivinhas a saltar, e línguas completamente mortas. Línguas para tôdas as dimensões que variam desde a mais minúscula à língua de palmo e meio. Línguas de tôdas as qualidades, desde a má língua à língua de prata.

A língua é tudo; o resto... quasi nada, (como afirma uma pessoa do nosso conhecimento).

Nós, portugueses, sempre anciosos de fazer figura no estrangeiro, possuidores dum património lingüístico de nos mais completos, porque não enviamos os nossos representantes ao Congresso Internacional?!

A's línguas cidadãos!!!

Deixemos as bicicletas que apenas servem para estafar o canastro a meia dúzia de lorpas e encher a burra a outros tantos ganaciosos.

Braga, presumível 3.^a cidade do País, em questões de língua leva a palma... ou não fôsse o albergue do beatério nacional.

Ouçamos, da nossa cidade, as mais abalisadas opiniões:

Mercado Municipal

9 horas duma encantadora manhã cheia de sol e sombra, como nas praças de touros.

No Mercado Municipal tudo se confunde num borborinho indisciplinado: *tavatas* com *sopas*, carne com peixe, pêssegos com bananas, etc.

Afim de tratar da questão lingüística

vimos seguindo há alguns momentos uma esbelta rapariga que finalmente pára. Acercamo-nos com os linguados prontos a servir, e...

— O Senhor escusa de perder o seu tempo! Já estou comprometida.

— O' menina... Não seja arisca... Não se trata do que julga.

— Eu agora já não sou sopeira; isso foi tempo.

— Mas, ouça: queremos apenas a sua opinião sobre o Congresso.

— Qual o Mariano??

— Não. O Linguístico Internacional. A menina gosta de língua, não gosta?!

— Se gosto!!... Isso interessa-me!

— Nesse caso, está definida a sua posição?!

— A minha posição... é conforme. Sou toda moderna.

— Pois o Congresso é moderníssimo:

— Hoje tenho pressa; apareça amanhã para me dar explicações.

No "Café Astoria"

Chegados à Arcada somos forçados a ingerir um café de \$50, preço do aluguer duma das cadeiras do «Astoria».

Ao bater das 10, surge um eléctrico dos lados da Estação, donde se apeia alguém que esperávamos. Lépidos, dirigimo-nos.

— V. Ex.^a honrará com a sua presença o Congresso Linguístico??

— Como sabe, a-pesar-da minha viva língua, dedico-me mais, à dos antepassados.

— Mas V. Ex.^a que não ignora o valor das línguas dêste Café...

— Naturalmente!! Tudo se arranjará; não indo eu faço-me representar pela pequenina de S. Frutuoso.

No Bom Jesus

Abalamos no carro eléctrico das 15 horas, chegando ao Bom Jesus do Monte às 17. Isto é rápido.

A' porta do Casino, um *enfarde-lado* funcionário impinge-nos, mediante

um escudo, um quadradinho de papel — salvo conduto com que teem de munir-se os visitantes do privilegiado recinto.

No salão, ausência completa de «touristes» e dos muitos bragueses empenhados em passar por elegantes.

Componentes duma orquestra afinando o instrumental e um criado de ponto em branco, que se aproxima de nós, empunhando a lista.

Pedimos; uma cerveja e licença para falar ao senhor intérprete.

Momentos passados dirige-se-nos um cavalheiro, de maneiras doces.

— O senhor intérprete, não é verdade?!

— Não: sou da Direcção. O intérprete está nesta ocasião a dar lições ao nosso pessoal feminino.

— Pelo visto, novas adesões ao Congresso Linguístico?!

— De modo algum; apenas o propósito de cultivar os empregados, torná-los distintos, aptos para o contacto com as élites frequentadoras do Casino.

— Mais um motivo para que a Direcção se faça representar.

— Não nos convém porque o Congresso é internacional. Receamos as misturas; é norma estabelecida. Nos próprios visitantes fazemos rigorosa selecção. Gente escolhida. Dois exemplos frisantes, quer ouvir: deram-nos a honra o distinto Francis e os ilustres ciclistas da IV volta a Portugal.

— Concluindo: V. Ex.^a não concorda com o Congresso?!

— Impossível. Opino inversamente; meu caro senhor.

— Os nossos respeitos a V. Ex.^a.

Prestes a entrar em casa esbarramo-nos com uma vizinha, brasileira encantadora, de desenvoltas formas e desembaraçada língua. Está noiva dum espanhol.

— Então, vamos ao Congresso Linguístico?!

— Deus me livre!! Para confusão de línguas bem basta quando cá tenho o meu noivo.

Sal & Pimenta.

Posta restante

Ladino — Seja muito bem parecido. Serve quasi tudo. Mande mais e mande sempre.

BARROS



VINHOS DO PORTO
DE
QUALIDADE SUPERIOR



Preliminares

A peça da abertura da época de futebol foi um desafio entre o Pôrto e Académico que levou ao campo do Lima um número razoável de aficionados da bola, sedentos de assistir a estes encontros sempre emotivos e que muitas vezes, graças à educação desportiva tripeira, que cada vez é mais alevantada, redundam em verdadeiros combates de box, tanto entre a assistência como entre os próprios jogadores.

Os grupos

Ao entrarem os grupos em campo a nossa surpresa foi incomensurável em virtude de não ser o grupo de honra do Pôrto que se patenteou, mas sim uma selecção Pôrto-Boavista que a assistência recebeu fria mas ordeiramente.

No entanto, começamos a congeminar e tiramos esta conclusão (certamente a mais concludente): «reina a paz em Varsóvia!»

Sentimos uma satisfação íntima que nos sensibilizou quasi até às lágrimas e preparamo-nos para assistir ao desafio em tôdas as suas nuances e estávamos a fazer um apêlo máximo à nossa paciência (eram 16,30 m. e o encontro estava marcado para as 16) quando nova surpresa (era o dia das ditas) nos veio espancar a impaciência. Nada mais e nada menos do que o Valdemar, de gorra com o Carlos Alves, começaram uma pescaria que a breve trecho resultou profícua, pois após lançarem uma dúzia de vezes o anzol, conseguiram pescar um árbitro que tinha vindo à cidade. Os outros ainda estão em férias.

E aí vai disto

O nosso homem deu começo áquilo e às tantas o Pinga mimoseia o Domingos com um tiro que este nem tempo teve para dizer: *Ai Jesus que já estou furado!* Os Académicos que não são para brincadeiras, dentro de poucos minutos pagaram-lhe com a mesma bola e a coisa esteve para ser falada; mas... o Vasco Nunes (profissional do Boavista) imita o Pinga e

pinga também lá para dentro com outro tiro. E assim terminou a primeira parte, com honra para lambas as já enunciadas partes.

2.º acto

Na segunda parte o Pôrto marcou mais três *gols* e tão bem, que a assistência pedia bis desalmadamente.

Os "Lusíadas" ilustrados

XIV

SALES RIBEIRO



.....já entregado,
Espera pelo golpe tão temido.

Canto 3.º — XL.

Gostamos da selecção e caiu-nos no gôto o Vasco Nunes (B.), por andar sempre com o *fura bolas* a indicar aos companheiros para onde deviam enviar a bola. Agradou-nos também o Carlos Pereira (B.). Pareceu-nos um pouco envergonhado, pois andou todo o desafio com as faces que pareciam malaguetas. Os restantes, à parte Nova (B.), que foi o melhor homem da tarde, discretos e esforçados, como os cavaleiros de outras eras.

O Académico, não devia ser punido tão severamente e merecia mais uns 3 *gols*, sem favor, mas a *chance*...

Achamos muito interessante o gesto dum *bandeirinha* que às tantas armou perrice e atirou com o trofeu para o solo sem se lembrar que essa decisão merecia ser corrigida com dois *bols* em cada mão...

Educação desportiva onde estás tu que te quero ver?!...

Veterano.

P. S. — Segundo se depreende do que acima fica exposto, o desafio terminou com 4 bolas a 1, quando a verdade comprovada pelos jornais da especialidade, deram o resultado de 5 a 1.

Fi-lo propositadamente para que o sr. árbitro se lembre que costuma haver *of-sids* neste jôgo.

A tempo: Eu disse 5 mas só devia ter dito 4 para dar razão ao P. S.

Quadras

*Se passares à minha porta
Não tentes sequer entrar.
Se te vê, a minha sogra
Põe-te uma perna no ar.*

*Pedi-te um beijo coraste
Eu não te causava dano.
— A seguir logo beijaste
Um guarda Republicano.*

*O meu amor é de luas
Ninguém tem nada com isso,
Trazes as pernas tão nuas
Que mais parecês um *chico*.*

*Zumba na barra da saia,
Zumba debaixo da dita.
Mas se for uma catraia,
O filho, não vás na fita.*

*Minha sogra quer-me mal,
Eu cá mal nunca lhe fiz.
Só em noite do Natal
Lhe esborraçhei o nariz.*

*Tenho um amor Joaquim
Com quem espalho as máguas...
Arranja um Benjamim
Que de mim não leva águas.*

Rutra Luar.

A Adega Ideal do Lavrador

tem actualmente espalhadas no Pôrto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, 18 ADEGAS: R. do Bomjardim, 361-364 (Esq. da Trav. de Liceiras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195; R. de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristóvam), Telef. 5802; R. da Constituição, 1395; Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2484; L. Campo Mártires da Pátria, 54-55 (Vulgo Cordearia); L. Maternidade Júlio Denis, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno); Trav. da Banharía, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores), Telef. 905; R. Anselmo Braancamp, 633; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7; R. Costa Cabral, 524 (Esq. Av. dos Combatentes); R. S. Vitor, 143-A; R. Alexandre Herculano, 44; R. Sacedura Cabral, 97. NA FOZ — R. Senhora da Luz, 238-242, Telef. 314 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto, Telef. 275 — Matozinhos. EM VALADARES — R. da Estação. EM LEÇA PALMEIRA — R. do Castelo, 17 e 19.

DESCANSO SEMANAL

Itinerário do 4.º Passeio Oficial de "Os Portucalenses"

«Os Portucalenses» é o nome de um grupo de passeantes dêstes muitos que nesta época do ano, passam por aí muito apinhados num automóvel e que se distinguem por levarem bóina à espanhola. São criaturas que passam um ano inteiro a poupar para gastar em oito dias. Isto no fim é desculpável, porque o próprio Camões já assim dizia:

O' Glória de passear ó vã coibiça!...

De ordinário, estes grupos que tomam os nomes mais pândegos que é possível inventar, tais como: «Os Inbejados de Ramalde do Meio», «Os Sarapiões do Campo 24 de Agosto», ou «Os Esfingicos palradores de Contumil», contentam-se em dar uma volta pelas cercanias da cidade com comestinas à mistura e um telegrama ao Primeiro de Janeiro a dizer que já vão longe e a mandar lembranças à família.

Mas alguns vão mais longe mesmo. Vão à Serra, ao Algarve e levam oito dias de uma pândega tão rasgada que até é preciso descrever em verso a jornada gloriosa.

«Os Portucalenses», pertencem a este último número. Teem visto o diabo! E como Portugal lhe não bastasse à sua ânsia de portuguezinhos valentes, resolveram este ano, passar além fronteiras. E eles aí vão de cambalhada por essa Espanha fora, tal e qual descreve o programa que vamos dar em seguida. E' preciso dizer, porém, que este grupo tem a sua sede na Rua de Belomonte e os seus componentes são quasi todos criaturas modestas mas honradas. Ele aí está:

Os Portucalenses no seu IV passeio Oficial

Cumprindo o programa que a nossa Sociedade a si impuzera, percorridos estão já o Norte e Sul do nosso Paiz em manifestações de Villegiatura excursionista.

O passeio annual de 1933, levamos a tomar mais vasto ainda o plano das nossas vizitas, e então deliberamos que este ano fosse honrada com a nossa presença a linda capital de Espanha, grande cidade de Madrid.

A-pesar-de tudo, a modestia não conta lá no grupo... E segundo nos consta, o alcaide de Madrid, sentiu-se lisongeadoissimo com a visita de Os Portucalenses.

Vamos a Madrid, levados por uma grande ancia: — a ancia de permanecer umas horas nas rambias e nas calles, onde a alma trabalhadora se manifesta em frémitos de Conquista nos ideais de liberdade, que por vezes,

(Não é sempre).

emocionam os povos da Europa, Os Portucalenses na sua visita a Espanha, vão levar de Portugal um abraço-ibérico e confraternizar com os hespanhoes que recebem sempre os visitantes nas suas galerias e muzeus, nos seus palacios e monumentos de arte. E' ahí onde Os Portucalenses irão sentir e trazer para os fastos dos seus anais as gentilezas do pais amigo que tem suportado com coragem estoica esses monumentos especiais da sua historia.

Um raio nos parta se percebemos alguma coisa! Então estes homens são recebidos nos palácios e museus e aproveitam a ocasião para trazer alguma coisa para os fastos dos seus anais.

Os Portucalenses e Madrilenos, vão fazer dias espirituais de verdadeira e sincera camaradagem para que o futuro relembre o passado gozado em dias de gloria, entre as galhardias dos irmãos da raça latina, para a vida ser mais suave e mais harmonioza nos destinos de amanhã.

Esta é que é a moda!

(Corrigindo uma opinião anacrónica do Ex.º Sr. Cunha da Raza).

Enganas-te, avôzinho galhifeiro,
Com tua opinião às modas novas!
A moda verdadeira por mil provas,
Não é a da pintura, meu brejeiro!

Tão pouco é a do vicio tabaqueiro
Que por finos motivos tu reprovas,
Sentindo-te capaz d'aplicar sovas
Nessas fufiãs que pedem marmeleiro!

A moda mais moderna e de bom mestre,
Que mil damas encanta, e peralvilhos,
Dando a todos cabais felicidades.

Consiste num casório por semestre,
Ao passo que a função de ter os filhos
Se outorga às ternas amas dos abades!

Zé da Sé.

Este pedaço então, deixou-nos a pedir poucas. Estamos daqui a ver esse grupo de 8 sócios a lazer dias espirituais em Madrid e a relembrar o passado para que a vida seja mais suave, e mais harmoniosa nos destinos de amanhã! Ai Nossa Senhora; onde diabo foram estes homens encontrar o escrevinhador! Muito deves ter trabalhado Damião, depois que a MARIA RITA te apresentou ao público!

Viva Madrid! a cidade comospólita na península hispanica, sua Capital.

Agora não concordamos. Lá que deixem os Madrilenos a chorar quando se vierem embora, bem está; agora que chamem a Madrid a capital da provincia achamos pouco patriotismo.

Segue-se o itinerário do qual só transcrevemos a parte que diz respeito a Espanha.

Itinerario de 1933

ESPAÑA

Illescas, Tolédo, Torrijos, Almorox, S. Martin, Avila, Peñaranda, Salamanca, Vitigudino, La Freyneida.

ESPAÑA

Quintanilha (Raia) Zamóra, Tóro, Torde-sillas, Valladolid, Cuelcar, Segóvia, Villeda, Madrid.

E no final de toda esta soma de calcadelas na lingua portuguesa, também a nossa lingua começa a fazer-nos crescer água na boca. E' porque nós tivemos que encafiar-nos em Paredes se quisemos dizer ao mundo tínhamos ido para fora.

OS PORTUCALENSES

Raul Correia de Pinho, José Augusto Afonso, Faustino Augusto Afonso, José Correia da Silva, Serafim Ferreira Brandão, Manuel Gonçalves Flores, Augusto da Fonseca, António Fernandes Costa.

Senhor Mesquita: Como vê, demos ainda hoje mais importância a outros. Tenha paciência; e se quiser desabafar e dizer que temos tanto medo de si que nem lhes respondemos, não se esqueça da Maria da Fonte. Ela, de certo, não há de deixar de publicar mais uma borracheira, não é assim?

O calçado de fama

53, Largo dos Loios, 54 — PORTO

DIANA

Vendas a prestações com bonus

Telefone, 5422

PRA TO DE MARISCO

A "passerelle" foi considerada monumento nacional — O cabo de vai-vem e outras coisas mais

Não foi em vão que Espinho, através da imprensa local e pela voz dos seus mais acérrimos defensores, atacou a existência daquela monstruosidade conhecida pelo aliciante nome de «Passarelle».

O saudável monumento, autêntico aparelho para os homens verem as pernas das senhoras, e fumeiro permanente dos papalvos, e das pessoas que não tinham tempo para esperar que o «cara de gato» ou o «Mendes» abrissem as cancelas, acaba de ser demolido e arquivado no museu dos «Ferrozinhos».

Em sua substituição, a C. P. acaba de montar ali um cabo de vai-vem, género cabo aéreo da Companhia das Minhas de S. Pedro da Cova, e é um regalo ver passar em cestinhas, em latas, em baldes e outros recipientes, os desinfelizes que até agora tinham que se sujeitar à tortura duma ascensão perigosíssima, e duma descida mais perigosa ainda.

tear a nossa discordância pela decisão do Júri na classificação dos prémios conferidos às carroças concorrentes. Não. Ali houve, certamente, favoritismo, porque o carro que merecia o primeiro prémio, ou antes um prémio de honra, era aquele *mostrengo* com ares de carro fúnebre, e que, para ser completo, só lhe faltava lá den-

porque só pedem música ó... *nesta*, e a regem tam ó... *naquela*!

Então a música que teem não chega? Para nós, que vamos a Espinho ida por vinda, achamos que vocês até teem música de mais.

Lá em cima, no sector dos cinemas, berram desalmadamente dois alto-falantes as mais estafadas músicas de *conserva*!

Cá em baixo, na avenida, e por cima duns guarda-chuvas género *Café da Brasileira* do Pôrto, há um buraco na parede do Casino que sopra igualmente uma música horrível. Felizmente, o comboio está próximo e a gente deita a fugir!

Não sabemos, portanto, como é que Espinho ainda pede mais música!

Ceia à Americana

Realizou-se no sábado passado, no salão nobre do Casino de Espinho, uma ceia à Americana promovida pelos três *figurões* adiante expostos à admiração dos nossos leitores.

A. S., M. V. e A. B., trindade que goza em Espinho de muitas e gerais simpatias, não foi nada simpática este ano.

Imaginem que o nosso delegado teve que pagar *boão* por uma inscrição, com o pretexto de que o comboio Pôrto-Espinho tinha chegado atrasado! Ora isto não se faz!

Vamos, todavia, dar o relato da festa, tal como a viram os nossos olhos e a nossa sensibilidade.

A decoração da sala estava um primor. As mesas um encanto. Simplicidade, bom gosto, arte!

Gostamos. Os nossos parabéns às gentilíssimas realizadoras!

O serviço de mesa, — manda a verdade que

se diga — podia ser melhorzinho. Não se perdia nada com isso. Embora a culpa não seja dos rapazes da comissão, aqui fica o nosso reparo.

Assistência correcta e pouco expansiva, inicialmente. Depois, aos poucos, lentamente, a coisa foi aquecendo, e o borborinho generalizou-se.

A orquesta do Barbosa *fungava* por todos os buracos e por todas as cordas. O colarinho de goma do Fausto perdeu a *virilidade*, e lembrava um lenço amarfanhado à volta do pescoço! O cantor *louco* desdobrava-se em harmonias vocais, e o *loirinho* do Jazz andava pelas janelas, aflito, à procura do *ar que lhe faltava*. Os outros rapazes estavam ali para as *curvas*, como costuma dizer-se, *fixes* na retumbância dos acordes e no ataque à mesa das iguarias.

Entretanto, no salão, os entusiasmos iam crescendo, crescendo, até que o dr. C. L., *inspirado até à medula*, irreprensível na sua casaca, subiu ao estrado da música para falar as massas.

Teve espirito, (as más línguas disseram que era espirito de vinho) teve frases oportunas, e, por momentos, a sala esteve alegre, à altura da festa, que ali se realizava, mercê da comunicativa alegria do dr. C. L. O cantor *louco*, acompanhado por um grupo de rapazes, cantou a «Vareira», obra do Fausto que se está popularizando e que é um mimo.

A letra improvisada ali pelo C. de M., e encaixada [na música da «Vareira», teve o condão de fazer rir pelas alusões espirituosas feitas a alguns vultos em evidência na sala.

Mas isto foi sol de pouca dura, porque o dr. C. L. deixou-se apossar duma *fadiga repentina*, valendo-lhe uma *maple* confortável da sala de fumo, onde se deixou ficar dormindo até ao nascer do sol!

A orquesta, porém, não descansava um momento.

Os pares rodopiavam, uns com elegância, outros sabe Deus com que prodígios de equilíbrio!

O dr. F. M., ainda *conservado*, veio de Matozinhos dar também um pouco à perna. Saúdes de tempos idos!

O dr. J. A. S. F. andou numa roda viva toda a noite. Havia, porém, uma sombra negra na sua mente: — a cancela da Taboaga, guardada pelo *compadre* da Câmara de Gaia!

O dr. H. P., de Lisboa, por causa da má colocação da sua mesa, achou aquilo tudo muito *chato*, e por isso mesmo retirou-se da sala às 5 horas da manhã. Se não fora aquele contratempo da mesa estaria ali até às 5 horas e 10 minutos.

Aquela linda, encantadora, elegantíssima rapariga alta que os rapazes disputavam a sôco para dançar, foi também muito cedo embora. Porquê? Consta que um atrevido que dançava com ela, na viragem rápida dum passo difícil, lhe roubara um beijo!

A M. M., a M. C., a A. do C., e muitas, muitas mais, com nomes parecidos, deram à sala, com a sua beleza retumbante, com a sua mocidade, com a sua frescura, o encanto necessário para que a Ceia à Americana fosse, apesar de tudo, um verdadeiro encanto, que se prolongou até às 8 horas do dia seguinte.

Lá por termos dado *boão* pela nossa entrada, não podemos deixar de dizer bem do que é bom, e havia lá algumas coisas *mesmo muito boas*, graças a Deus!

Para fechar, diremos apenas de fugida, e muito baixinho para que ninguém nos ouça,



Agora Sim!.. Agua mole em pedra dura...

Correspondendo ao amabilíssimo gesto da C. P., as duas corporações de Bombeiros de Espinho montaram ali um serviço especial de salvação, prevendo o caso de qualquer avaria no referido cabo aéreo. Desta forma, mesmo que o cabo aéreo rebente e algum passageiro fique estatelado na linha, e seja *passado a ferro* pelos rodados do *Sud*, ou de algum comboio de mercadorias, não há perigo nenhum para o sinistrado, porque acto contínuo os zelosos e simpáticos rapazes das referidas corporações o levarão para o cemitério da vila, que fica apenas a dois passos dali.

Como vêem, a solução era, e foi, tam simples, que o povo de Espinho se deve sentir um pouco vexado por ter feito tanto barulho à roda dum caso que uma simples *ligação aérea* resolveu com inteiro agrado para todos.

Agora já o César Raio se não pode queixar de que a C. P. não *liga* nenhuma a Espinho!

Pela nossa parte, felicitamos Espinho pelo melhoramento auferido, e a C. P. pela grandiosa simplicidade do projecto realizado.

A Batalha de Flores

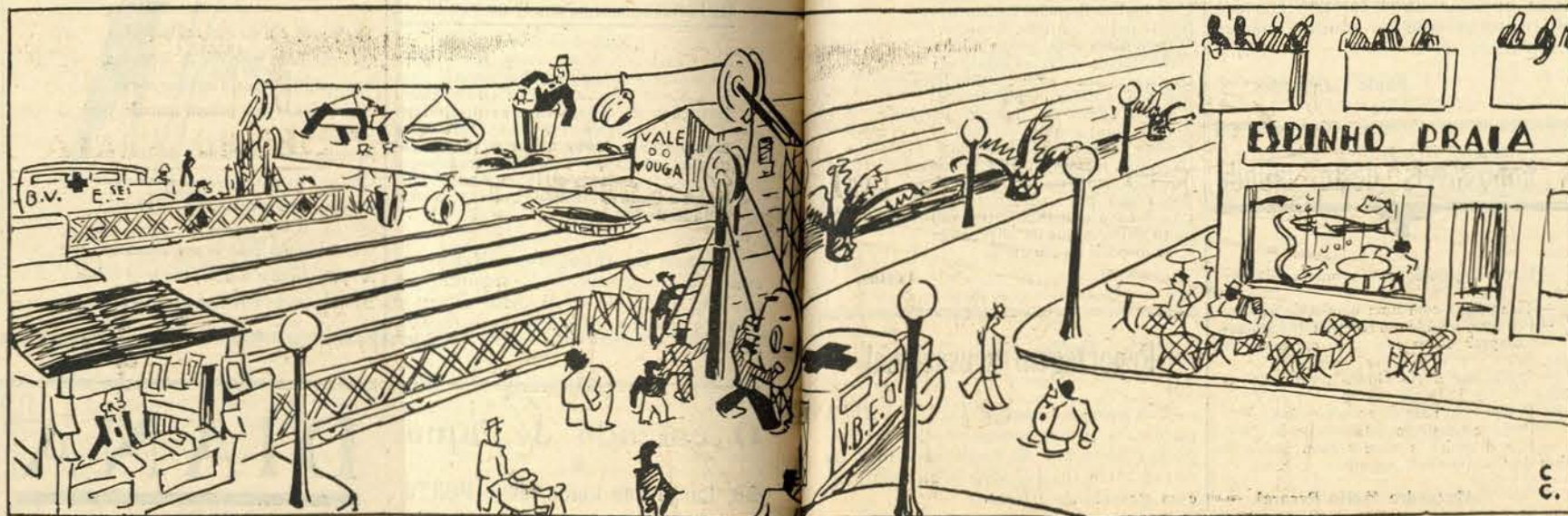
Por motivos estranhos à nossa vontade, não pudemos fazer no nosso número anterior a reportagem desta festa, ocorrida em 30 de Agosto.

Perdida, portanto, a oportunidade dos nossos comentários, limitamo-nos apenas a paten-

tro um defunto a fingir... ou então mesmo a valer, pois não fazia diferença nenhuma! Assim é que estava certo.

Música ó... nesta

Vão entendê-los! Não percebemos a razão



O Bandeira, *embandeirou* em arco desde o início, e foi um poço de Champanhe por fora e por dentro. Mas agüentou-se como um valente.

O dr. G., este ano não saiu do seu canto, o que foi reparado.

Fêz falta a sua *verve*. O F. G. também se portou como um velho, *conservando-se* alheio ao bulício da sala.

que à Empresa Espinho-Pratia não tinha ficado nada mal perdoar os *cinco escudos* das entradas aos rapazes da comissão.

A verba recebida por essa exigência é, a nosso ver, uma gota de água no oceano da *dinheirama* da Empresa, e talvez nós não tivéssemos pago aqueles *sessenta escudos* da nossa entrada, cuja perda temos ainda atravessada na garganta, e talvez o serviço de mesa tivesse sido melhor um pouquinho, sem tantas lagostas podres e sem os correspondentes vômitos dos comilões e das comilonas.

Dr. Thara Bey.

O Snob:

O Snob, em geral, é um ente fraco... Um farofas heráldico demente... Impõem os seus braços a toda a gente, Mas, de valor não tem nem um pataco!...

Não estuda... não lê... por não ter caco!... Um descuidado, sujo, repelente... O cigarro a pedir constantemente, Quando não pede esmola para o saco!...

De que lhe serve a sua fidalguia, Se na miséria está pra dar a estica!... Ser nobre neste caso, é uma utopia!...

Fidalgo... é ter carácter... casa rica... Não molestar alguém... ter alegria... Usar, janota, a luva de pelica!...

Alfredo Cunha (Raza).

Paulo Ganimedes



Os nossos leitores devem recordar-se... Paulo Ganimedes, é o pseudónimo adoptado pelo sr. Artur Ferreira (filho), um feixe de esperanças que a MARIA RITA há tempos



apresentou ao distinguíssimo auditorio, pela pena e pelo traço do seu antigo director artistico.

Deve retinir ainda no ouvido de todos o formidável barulho que então produziu o seu primeiro artigo, uma jóia do maior quilate, uma obra prima muito chegada á perfeição.

Infelizmente tinha ficado apenas o eco dessa formidável vitória alcançada por Paulo Ganimedes. A sua modéstia não deixara continuar a ascensão aos pináculos da fama! Que pena!...

Eis-se não quando, um ano é passado, volta

até ás nossas mãos acolhedoras, um outro artigo da autoria do sr. Artur Ferreira (Filho).

E a MARIA RITA, publicando-o, honra as suas páginas, e enriquece a literatura pátria com um naco succulento de prosa que se não é bárbara é pelo menos admirável.

Ei-la:

O sonho

Sonho! Serás tu realidade um dia
Tu, que me elevas, só por instantes
Aos sentimentos d'Alma mais tocantes
Tu que és o génio da mais, sã poesia.

O que é o Sonho? Para mim o sonho tem sido como a rialidade do Meu destino; tendo sido o mensageiro das ilusões que Minha Alma alimenta. Nele tenho colhido sempre os frutos da ventura e, do dissabor. Elle é como que o vidente invisível, em noites calmas e serenas. (as profecias) digo profecias do nosso Amor. Se elle nos traz somente ilusões, nem por isso desmerecerá a nossa Gratidão, porque as ilusões são muitas das vezes o lenitivo mais abençoado da nossa Alma. Quantos entes, quantos descritos, vagueando na terra sem Esperanças, não adoram o Sonho! o dulce engano da existencia! No Sonho; Elles mergulham os segrêdos que lhes escaldam o peito. O Sonho é para os martyres a Vida, as mais grata e o premio mais sagrado da sua abnegação. Ontem sonhei. Parecia que colava os meus lábios ás petalas, duma flôr que, á luz de um Sol rico e resfulgente, abria a sua corola branca como a Inocencia. Que beijo tão suave e calmo imprimi naquele simbolo de castidade e lindeza. —?— Não há beijo mais doce, mais arrebatador, do que aquele que se dá numa flôr ao desabrochar! Decor-

reram dias. Numa manhã quando ainda as gotas do orvalho, quais pérolas cristalinas, aljofravam as corolas das flôres, fui até ao jardim encantado, onde tinha deixado, num ósculo limpo e sagrado, um fragmento de viva saudade. Lá estava Ela, a Flôr que eu vira desabotoar, bela, sedutora em tôda a sua candura. Curvei-me. O perfume que se evolava do cálice perturbador, os meus sentidos, correram pelo meu corpo n'um entusiasmo que me embriagava, e que me obrigou a celerar o movimento que tinha feito para a beijar. Affli-me aos lábios, todo a paixão, todo o ardor que pôde inspirar uma coiza que se Ama, com vehemencia como um protesto de profundo Amor, apenas ao colocar os lábios nas suas pétalas atrahentes. Mas... oh! decepção! ao descolar os lábios dessa oderifera planta, que tanto me fascinara, senti n'Elles um amargão intenso, que me fez recuar horrizado. Assim succede com uma Mulher disse-me uma voz quando despertei. Quando criança, a Mulher tem encantos, tem formozura, mas não tem perfume nem beleza, e quando se beija é inocente e sentido esse beijo; mas com um sentimento que passa dos lábios que o trocaram. Quando Mulher em plena pujança da sua mocidade, quando a Natureza a forma tal como a idiu, os seus encantos redobram, a sua beleza é mais fascinadora e as suas feições arrebatam mais o sentido. Mas... perdem o que tinham em criança, aquilo que seria para a Mulher o cumulo da adoração (a Ingenuidade). Os seus lábios aufferem. o veneno letal que mata os corações que se lhes entregam. Isto foi o que essa voz mysterioza como um sópro, me disse secretamente. Concentrei-me na minh'Alma esse pensamento nestas palavras. Efectivamente, hoje o Amor, a mais elevada sensibilidade humana anda calcado aos pés das criaturas que ao Mundo vieram para o inspirar.

Paulo Ganimedes.

Os impossíveis deste mundo

- Dar um passeio com a menina da avenida.
- Tirar água com uma bomba de foguete.
- Pôr num ataúde um bouquet de foguetes.
- Comprar doces com uma coroa de um padre.
- Atravessar o rio Douró num barco de papel.
- Pescar com rede de apanhar cães.
- Pagar contas com notas musicais.
- Pôr dinheiro a render num banco do jardim do Campo 24 de Agósto.

Alexandre Mário Recarei.

Para outra vez...

Escritório de uma grande casa comercial; encostado a uma das paredes, pesadas, há um grande cofre bojudo, de porta escancaradamente aberta e fechadura escalavrada.

O CHEFE, de lenço empapado no suor do pescoço, para o guarda-livros — Que diz você, homem? Fomos roubados?

O GUARDA-LIVROS, com a careca luzidia cheia de camarinhas brilhantes — E' verdade! Roubados! Quando aqui cheguei e me propunha abri-lo, encontrei-o neste estado, com a porta forçada e fechadura arrombada!

O CHEFE, cada vez mais empapado em suor, os olhos a quererem saltar-lhe das órbitas — E... a quanto monta o roubo? Quanto tinhamos em cofre?

O GUARDA-LIVROS — Felizmente, muito pouco. Apenas setenta escudos. O prejuizo maior é o do concêrto do cofre, que deve custar para cima de trezentos.

O CHEFE, com um repêlão, depois de pensar alguns segundos — Pois de hoje em diante, quando no cofre houver menos de trezentos escudos, é conveniente deixá-lo com a chave na porta. Assim, mesmo que os gatunos venham, ainda pouparemos algum dinheiro, não precisando de o mandar reparar!

Dr. Knox.

CARTAS IODADAS

Boa MARIA RITA

Eis-me em férias, Na praia do Estoril já tão falada, Abandonei, portanto, as coisas sérias, Resolvido a gozar a vida-aiurada. Eserevo-te dum tóldo, mesmo em frente, Do elegante e chique Tamariz, Emquanto, uma banhista «ingenuamente» Certa coisa não mostra, por um triz. Os «maillots», ou por outra, «maillotzinhos» Berrantes e alegres das banhadas, Nos seus corpos queimados, delgadinhos, São miradoiros de formosas vistas. Há pouco, mesmo, até consegui ver Uma inglesa despida, nuazinha... Não te posso, contudo, descrever O resto desta cena, amiga minha. Dirás, talvez, de-veras espantada Que a vigilância aqui é muito fraca; Mas não; a dama foi bisbilhotada P'lo meu buraco que fiz numa barraca. A vida, aqui, é muito curiosa, E neste «sans façons» habitual, Há muita, mesmo muita «mariposa», Que mercece o retrato num jornal. Ponto final, por hoje, boa amiga, P'ra semana te mando outras pilherias. Se tu quiseres que de cá prossiga, E' só dispor's do teu amigo

Lérias.

Reportagem sensacional

No próximo número, MARIA RITA publicará uma sensacionalissima reportagem sobre os melhoramentos da nossa terra, os bebedeiros automáticos, e as gaiolas de criseal.

Um baile sem juncos no Juncal

A Comissão — As rosas — A música —
Os Serviços — Coisas entre parêntesis
— A reportagem tim tim por tim tim
— O fecho

No sábado, realizou-se, em prédio muito particular, um baile de arromba que decorreu (ai vai um termo *chic*) bestialmente animado, apesar do cenário pesado dos ciclópicos montes deste penhascoso Douro.

Até às 7 horas da manhã (pudera ser da tarde!) os quatro pés de cada par andaram num desassossegado constante, quer em sarilhos perni-coxais, quer em ritmicos passos de tangos carnejins.

A Comissão era composta por: um *Gandhi* feminino, uma *Doutora semi*, uma *Texuga menor*, uma *Cabeleira crescida*, um *Caçador de dois canos*, um *Monóculo*, um *Homem da moto* e uns *Oculos de grande alcance*.

A sala era um jardim suspenso de Babilónia: rosas pelas paredes, as lâmpadas cobertas de rosas, rosas nos espelhos de cristal, cadeciras com rosas, rosas às portas e rosas às janelas, senhoras com rosas e rosas transformadas em senhoras; para cúmulo, o *one-step* de início chamava-se (como de resto se chamava já há duzentos anos) *As Rosas*.

Às 10 1/2 entrou a música. Para que digamos bem, não entrou, fizeram-na entrar, porque ela não tinha pés: Tratava-se duma grafonola enorme, tamanho da pirâmide de Kéops, movida por cavalos eléctricos.

Ruído, animação, vozes sem pozes, assobios, estalinhos, tossidelas, risos estridentes, gargalhadas em ré maior, *flirts*, olhos à cinefília... de tudo um pouco.

A Sr.^a Dr.^a de Ventozelas, longe do seu inseparável *Roedor*, não quis comer *Coelho* no primeiro serviço.

Talvez por superstição!, dirá o leitor. Nada disso: porque no primeiro serviço não havia coelho na mesa.

Os tangos e valsas, coados por uma hemoptise de luz (que linda imagem!) causavam dores de rins e pulsações aceleradas, não só no baço, como no contrabaço.

Sentado a um canto, o *Caçador de dois canos*, desenrolava uma odisséia complicada a um *vestido negro de Ventozelas* que o ouvia rendida de prazer, dentes eburnos ao léu e olhos às faixas perturbadoras.

A meia noite chegou (e chegou muito a tempo) um quarteto: dois violinos e dois violões).

Houve quem notasse a falta de saxofone e do *trombone de varas*, na Orquestra Típica de Mosteiró. A esses responde: A Orquestra Típica Argentina também os não possui e causa sucessos por essas terreolas fora e dentro.

Os homenzinhos abriram o sarau com o mais animado dos *one-steps* que, no tempo de Judas havia já conquistado um êxito incrível. Estiveram perto de uma hora em furifuradelas de violinos e arrotos de violão.

E' claro que os quatro pés dos bailarinos (quatro pés emquanto aos pares; nada de confusões) começaram a sentar-se.

Os risos feneciam, as gargalhadas de sonoras passavam a mudas, o suor escotria pela testa, as vozes rouquejavam, tombavam e morriam.

Um *Vestido Azul de Vila Nova*, muito bem talhado, muito esbelto, de perna divina, porte distinto e dançando maravilhosamente pôs certo monóculo embaciado e em constantes tremuras de artério-esclerose.

Podia ter sido uma fatalidade de calibre 42 l Um *Engenheiro de queixo magoadó* dançou animadamente com uma *Madalena que não está arrependida*.

O *Gandhi feminino*, pesando 1 quarto de quilo de carne, por 20 quilos de ósso com tutano, desterrou-se para um canto do salão, em *conversa* animada com duas lentas dum *João* que não é *Ratão*, mas que em *compensação* é um electricista de *representação*.

Num dos números de *cotillon*, uma *Peonia* de sinal no lábio súpero, levantou voo por não gostar da cara do par por direito.

A Sr.^a Dr.^a *Semi*, de vestido branco como

Colega MARIA RITA:

Depois dumas férias regaladas, passadas entre vinhedos do Alto-Douro, cá estou novamente na Lusa-Atenas. A cidade está a mesma. Os mesmos becos, as mesmas vielas, as mesmas casas, os mesmos polícias e a mesma má-língua. As obras do Choupal continuam a passo de entêrro como diria o Tónio, o António Saraiva, *blaguer* incorrigível e o maior optimista de Coimbra.

Apenas o Dr. Manuel Braga mudou. As obras do Choupal fizeram nascer-lhe mais cabelo branco na sua branca cabeleira.

Começam de regressar os banhistas. Veem mais pretos, queimados pelo sol e pelas contas dos hotéis. As meninas veem cheias de *flirts*, de tangos e de ares do mar. Que pena o verão não durar todo o ano! E que pena, também, não chegar o mar a Coimbra! Se assim fosse, teríamos aulas em boas barracas de praia, com professores de *maillot* e alunos de *maillot*. Acabadas as aulas, correr-se-ia pela praia, e estirar-nos-íamos a estudar o Direito Romano junto de uma matrona, a anatomia junto dum *maillot* gentil, pequenino, e lógica junto dum matrimónio recente. Estudar-se-ia, assim, praticamente.

Ir-se: até uns rochedos isolados e lá se encontraria motivo para se estudar o Código Penal.

A história, aprender-se-ia facilmente... a história de todas as banhistas. A geografia... essa estava ali e fácil seria demonstrar que a terra é redonda e demonstrar a existência de um sem número de coisas.

o mármore das mesas da *morgue*, esteve pouco animada, porque tendo no cérebro toda a Química Fisiológica a despegar em Outubro, acusava Sintomas de intoxicação científica.

Nos Serviços da Arte de Bem Comer e Beber, entornaram-se alguns copázios de licor de Baço.

Comeu-se menos mal, graças a Noé.

Houve uns brindes à surdina. Por exemplo: a Sr.^a Dr.^a de Ventozelas ouviu isto dum monóculo: «Levanto a minha taça, desejando, do fundo do meu ligado, que o seu *Coelho* passe muito, brevemente a *Lebre*».

Às 7 horas, com a cor opalina da manhã

O estudo de línguas vivas também não seria difícil. Desde a língua doce das francezinhas, até à língua apimentada das espanholas *salerosas*.

A' noite, nos casinos, estudar-se-ia matemática junto das roletas matemáticas. E junto de certas meninas fotogénicas com pretensões a estrêlas, estudar-se-ia perfeitamente toda a astronomia sem a ajuda do Dr. Costa Lobo.

No salão de baile, estudar-se-ia a física, desde a lei da gravidade até ao magnetismo.

No bar, poder-se-ia estudar a química.

Teríamos, enfim, cursos práticos completos. E a verdade é que isto traria uma grande economia para o Estado, pois a maior parte dos professores dispensavam-se.

Ou não seria assim?

A volta a Portugal de bicicleta deu volta a muita cabeça. O Trindade continua na ordem do dia.

Ontem, à porta de Central, um velho republicano e conhecido ateu, falava com desusado ardor da Santíssima Trindade. Estranhei o facto e perguntei: o quê! o senhor a falar com tanto entusiasmo da Santíssima Trindade, o senhor um ateu!!

O velho republicano riu-se e respondeu: — E' verdade, meu caro, A Santíssima Trindade... — Venceu?

— Sim, venceu a volta a Portugal...

— Mas esse Trindade é só um...

— E' só um verdadeiro, mas são também três pessoas distintas (Trindade, a bicicleta e o carro de apoio).

Calei-me. Até este! Irra!

Abraça-te o

Mil Reis.

ainda sem o sol do céu (outros sóis se deslocaram pelo salão em vertiginosas valsas vicnenses) a massá dos bailarinos precipitou-se para as varandas e janelas, olhos cravados nos majestosos montes ligeiramente envolvidos por um nevociro de prata.

Fernando.

Fazer circular a MARIA RITA, mesmo dada ou emprestada, é con-
tribuir para a sua expansão ::



A PENSAR MORREU UM BURRO

ÓRGÃO IMPRESCINDÍVEL AO BOM FUNCIONAMENTO DO PENSAMENTO NACIONAL

CHARADAS, ENIGMAS E PREGUNTAS SOFISMÁTICAS

1 ANO - N.º 26

DIRECTOR: ZÉ CAGANCHO

REDACTOR: REI DAS MUSAS

23 DE SETEMBRO DE 1933

QUADRO DE HONRA

**REI DO ORCO
REIROBI**

Decifrações do n.º 24 — 1) Tovarão, 2) Nobela, 3) Nu andar i nu beber conhesceraz a mulher, 4) Beira Vaicha, 5) Rebosado, 6) Biseu, 7) Avesurdo, 8) Cãoião, 9) Felauta, 10) Gaibota, 11) Elena, anele, 12) Resa, resão; 13) Condeixa, conxa; 14) S. Bartolomeu de Messines, 15) Póvoa de Lanhoso, 16) Castelo de Vide, 17) Desacôrdo, 18) I osdepois? 19) Quem casa quer casa.

Decifradores — Rei do Orco, 10; Reirobi, 10; Otopavlis, 18; Horaciano, 17; Dília Galo, 16; Zarb, 11; Feirante, 11; Só Darco, 10; Seria, 8.



Charadas em verso

(Ao consagrado Olegna pelo seu acto de contrição)

(1)
Fiquei muito satisfeita,
Alegre como um pardal, — 1
Por saber que desta feita
Sem q'rer remediei o mal.

Do meu preclaro confrade
Voltar jamais ao *pião*,
E tratar-nos co'a bondade,
Dum perfeito coração.

Portanto, está perdoado,
Não volte a prevaricar;
F'indou-se o desaguizado
Vamos confraternizar.

Porém, fico de atalaia
E em qualquer *ocasião*, — 1
Que eu saiba que noutra caia,
Eu darei um «sortalhão!»

E como sou «generosa»,
Não sei se me conterei,
E co'um *sarrafo* uma sova,
Por certo lhe aplicarei.

Serigaita.

(Retribuindo a *Edipo*)

(2)
O' Joaquina puxa as meias
'Stás a mostrar as varizes...
Que tu tens as pernas feias
Já eu sei... a quem o dizes!

Duas vezes minha louca, — 1
Te pedi p'los meus pecados,
Para fechar tua bôca,
Tens os dentes cariados...

Aplica no teu rosto, — 1
Gesso crê, talvez consigas
Não me dares outro desgosto
Com as marcas das bexigas...

Trazes decote em excesso
E isso causa-me alvordço;
Porque enxergo êsse abcesso
Que te nasceu no pescoço!

Quando voltares a apar'cer,
Traz na cabeça enfiado
Um velho saco qualquer,
O' meu ser idolatrado!...



Olegna.

Novíssimas

(3)
Quem *permuta*, dando um queijo
por um naco de carne de *porco*, é fraco
homem! — 2, 1.

Rei do Orco.

(4)
Ande, traga a nota, que lhe entrego
o *projectil*. — 1, 1.

Rutra Luar.

(Ao distinto charadista Nan-Nan pela sua sinc. n.º 14 do n.º 23)

(5)
Mal sabe o *que* perdeu! *Eu* logo
via que v. não tinha arte para conquistar
uma *mulher* velha e rica!...
— 1-1-2.

Olegna.

(A' distintíssima Serigaita, a propósito da sua novíssima do n.º 23)

(6)
O seu olhar de *feiticeira* só me
verá curado a *rigor*, quando V. Ex.^a
também colaborar na *Civilização*. — 2, 3.

Bisnau.

(7)
Aqui, canta uma *mulher*. — 1-2.



Kiçai.

Aumentativa

(8)
Antigamente, não *existia* a *aeronave*.
— 3.

Fantasma Negro.



Sincopadas

(Agradecendo a *Edipo*)

(9)
3 — Numa *polémica* ruda,
Levo «*trolha*» com *fartura*,
Por não haver quem me *acuda*
Nessa triste *conjuntura*. — 2.

Bisnau.

Mefistofélica

(10)
Cá na *terra* ninguém toma *banho*.
E' má *resolução*. — 2-2 (3).



Busina.

Maçadas geográficas

(Ao director desta secção)

Formar o nome duma terra portuguesa com as letras da seguinte frase:

(11)
EU ZÉ? MORANGOS GRANDES!

Otopavlis.

(A' illustre Serigaita e ao grande Rei do Orco)

(12)
D. SERIGAITA, REI DO ORCO,
FULGE!

Monteiro II.

(Agradecendo a Olegna)

(13)
ABRAÇO-TE SR. D. OLEGNA!

Horaciano.



Tipográfico

(14)

I O O



Sepol.

Provérbio a adivinhar

(Ao meu velho amigo Tomaz Fontes)

(15)
Romualdo Braz Pancada,
Na Afurada morador,
Quando está co'a tachada,
Lá no lugar da Afurada
Insulta seja quem fôr.

Disparata a tóda a hora,
Isto é; constantemente
E então é cada espóra
Que deita p'la bôca fora
Que faz corar tóda a gente!

O pai é *grosso* também
E o avô assim já era,
Portanto, assenta mui bem
O ditado que diz:...

..... ?

Otopavlis.

O BRANCO NO PRETO

SUPLEMENTO MENSAL DA "MARIA RITA", DEDICADO AS COLONIAS E ILHAS ADJACENTES

ANO I — N.º 6

DIRECTOR: D. AFONSO V (O Africano)

Tiragem 50.000 exemplares ou mais

EDITORIAL

Já a MARIA RITA devia ter dado à luz este seu suplemento há vários números. Mas o calor foi tanto por esta terra temperada, que só o suavíssimo instante de pensar na Africa faria com que o suor rebentasse sem parar.

E foi por esta razão, para não vos falar só no calor que nos atormentava, que nós vos deixamos ficar sem o suplemento amigo.

Perdoai e tende como certo, que a MARIA RITA, não vos abandona nunca, e que, passado este calor tropical, lamenta sinceramente aqueles que labutam dias sobre dias ao escaldante sol das nossas costas Africanas.

Lá como cá

Transcrição

de parte de um officio que o Ex.^{mo} Sr. Delegado do ministério público de uma das mais risonhas cidades de Angola, traçou à laia de Doutra Promoção

.....e sabendo-se que os interesses dos herdeiros podem ser ameaçados pelos supostos creditos dos supostos credores, que já de per si bastam para afectar o activo da herança, promovo que o dinheiro existente nos cofres da Fazenda Nacional, como consta do officio de Fls 69, seja immediatamente requisitado, porque para mim, como afinal para toda a gente, dizendo-se que esse dinheiro já pertence a exercicios findos, o mesmo será dizer-se que é dinheiro perdido ou pelo menos mal amparado, porque o dinheiro que cae na Fazenda, é como alma penada que cae no inferno, condenado a morrer no estomago de algum tubarão indigestão! porque bastantes ha por estas paragens, louvado seja Deus.

Promovo pois que se passe mandado a requisitar á Direcção de Fazenda o dinheiro perlenente ao inventariado, porque se não lhe acudirmos a tempo, receio bastante que ele se haja sumido no esofago de qualquer ave de rapina.

F...

E podemos afirmar que isto é autêntico e vem provar que a travessia do Equador nem nada muda os caracteres.

Cópia de uma carta contando um horrível crime

Caluía, 31 de Outubro de 1932.

Am.º e Sr. Xico Afonso — Golungo Alto

Com esta venho apresentar-lhe os meus sentidos pesames pela morte dolorosa de 2 porcos e 2 leitões que me matou com a sua camio-

nete, quando aqui passou na dacta desta, com destino não sei aonde. Os 2 porcos valem bem 200,00, e os leitões 40,00. Tem aqui passado centenas de chauffeurs, nunca aqui mata-ram nenhum, só você se propocionou a faze-lo.

Todas as Camionetes, tem uma Bosina, denominada, Alarme, para avizar tudo o que se vê na estrada, sejam pessoas ou animaes, você de nada se encomodou.

Nunca esquecido, o terrivel crime por você praticado, me subscrevo sempre:

Muito Att.º...

(ass.) M. Lopes Barros.

Por ela se vê que os bons sentimentos ultrapassam os prejuizos causados.

Também em Angola há poetas marca Garibaldi. Vejamos a seguinte poesia recortada do jornal a Luta de Angola.

Cantinho Literario

NATAL

Dos novos

— Natal, o que festejas tu, Natal?
O Nascimento de Jesus Menino?
A reunião das familias, sem rival?
— Sim! Tudo festejo com alegre hino:

Do M'nino Deus (Jesus) o Nascimento,
Lembrado nos presef's e nos altares;
Das familias a reunião nos lares,
Onde am'nizo saudades e o sofrimento.

Alegro tudo e sou já um velhinho!
Não conheço quaíquer hierarquias:
Sou do abastado e mo do pobresinho
E a todos, por igual, dou alegrias.

Se a todos igualmente vi nascer!
E, se bem que velho e encanecido,
A todos eu hei visto e v'rei morrer,
Através dos séc'los, que nunca olvido.

E sóment' quando um cataclismo forte
Em trevas o Universo mergulhar,
Eu não saberei qual será a minha sorte.
Só Deus sabe onde eu irei acabar!

— Se a todos, pois, Natal, dá's alegria,
Porque não diminues lev'mente
As saudades que sinto, no teu dia,
P'la familia idolatrada e ausente?...

Calulo, 25-12-1932.

J.

E também como o Adonis de Lourenço Marques, tem a mania de comer letras sobre letras. Bem de-certo alguém lhes disse que só assim se conseguia ser letrado.

Um nosso admirador de Africa enviou-nos as seguintes glosas a um mote do nosso curso Aquilo que nós sabemos. Publicamos-las porque teem graça; e quem assim verseja, tem

obrigação de nos mandar mais algumas produções.

Como nunca Deus molsta
Quem lhe pede o que apetece,
Uma coisa bem modesta
Pedi a Deus que me desse.

A. F.

Pedi a Deus que me desse,
Quando for já um velhinho,
Um pouco, só p-ucoquinho.
Do que hoje em dia... me cresce.

António Félix.

Para os motes desta secção, recebemos as seguintes glosas.

O' quem me dera a ventura,
De ser livre, e ser ouvido!
— Assim, neste viver oprimido,
A noite por mais escura
Aumenta-me a desventura.
Conseguir a Liberdade,
Seria a felicidade
Que melhor se pode ter!
— Porque de todo o sofrer,
E' melhor do que a saúde!...

Telmonte.

Na primeira quem quere cai
Na segunda cai quem quere.
Disse-me isto uma mulher
O' preto sobressai,
Porqu' o marido lá vai
Atagalo p' las chuvas.
E tirando man'o e luvas,
Diss-me ardendo em desejos
Onze s am bem teus beijos
E' no rosto das viúvas.

Abilmar.

A'romba essa techedura
Das trazeiras, do po tão...
E não tenhas medo, não!
A noite por mais escura
Não torna a fuga segura?
E se alguém cá na cidade
Te censurar a m'lda'e
Diz qu'um amor bem sentido
Val: mais qu'um bom marido
E' melhor do que a saúde!

Pedro Pau.

Deus guarda só para mim,
Tristezas e dissabores,
Por isso, que eu tive amores
Pode alguém dizer que sim;
Que a tua janela vim
Em noites lindas d'Agô-to,
colar meu rosto, no teu e sto
num beijo longo, profundo...
Quero pois, que saiba o mundo
Que eu digo não com desgosto!...

Zé Cartaz.

Espécie de anedota

que devemos á gentileza de B rrote, um nosso amigo de Sá da Bandeira.

A cidade de Sá da Bandeira, está situada nos píncaros da Serra da Chela, a uma altitude de 1780 metros do nível do mar.

Pois em bons tempos, um ministro das colónias, daqueles que nunca viram Angola nem no mapa, mandou avançar para lá a canhoneira Mandovi.

POSTA RESTANTE

Candimba — Obrigadíssimos pelas boas palavras A MARIA RITA há de tentar servir bem e por muito tempo.

Pedro Pau — Até nós temos a impressão que diz. Lemos; mas aonde? se puder darmos informes. Obrigado boas palavras.

Para Pintar Use aredes

MURALINE

RUA DO ALMADA, 30-I.º — Tel. 2571

uma tinta que se

prepara em 10 minutos
seca em 10 horas
dura 10 anos

Aquilo que nós sabemos

Grande Concurso Poético da MARIA RITA

Para a quadra que estava feita na nossa redacção e que era do teor seguinte:

No lugar onde escondias
Um caracol enroscado.
Chovia todos os dias
E ventava um bom bocado.

recebemos mais as seguintes quadras:

¿Por ter chifres é que está
Um caracol enroscado?...
A piada não é má!
Mas o que éle está: é enroscado!!

A. L.

Até às vezes me ilude
Um caracol enroscado,
Com os caracóis da Gertrudes
Nas pontas emmaranhado.

Hó! Rei Artur I.

Vi-te, muito escondidinho,
Um caracol enroscado.
Tive pena, coitadinho
Pois estava todo molhado.

Rum e Quina.

Debaixo d'uma roscira,
Um caracol enroscado,
De guitarra à bandoleira,
Olha a lua, e canta o fado.

Z. B.

A Micas vendo num nicho,
Um caracol enroscado;
Diz à mana: Olha pr'o bicha!...
Tem cornos! E' o diabo!...

Zé Barão.

Numa horta verdejante,
Um caracol enroscado,
Escutava delirante,
A lesma a cantar o fado.

Greta Garbo.

Eu tenho, tu tens, tem ela
Um caracol enroscado;
Vê-se bem, quando à janela
Mostramos o penteado.

Zangorlipanfas.

Já levei quando eu furtava
Um caracol enroscado.
Semelhante bofetada!
Que me pôs aparvalhado...

Pancadas de amor são beijos.

Eu cortei-te do cabelo
Um caracol enroscado
Que é para poder trazê-lo
Conchegadinho a meu lado.

Manuel Moraes.

Tu usas na testa agora
Um caracol enroscado.
Mas quem deita os paus de fora
E' o teu marido, coitado.

Elmano Siamor.

Na cama estou tal qual
Um caracol enroscado.
Tenho sogra, por meu mal,
Sou como o trigo malhado.

Rutra Luar.

Quando te deitas pareces
Um caracol enroscado.
Olha, filho, vê s'aqueces
E vira-te p'êste lado!...

L.

Eras bonito se desses
Um caracol enroscado,
Meu genró chama-lhe um figo —
E' cego, mudo, aleijado...

Ladino.

Sempre tive na careca
Um caracol enroscado
Pois agora sou marreca,
Cego, coxo e aleijado.

Paga já.

Tens mais bichos onde tens
Um caracol enroscado
Conserva-os como refens
D'um antigo namorado.

Garviel.

E agora toca a glosar esta:

.....
Já não quero mais amor.
.....

O 1.º prémio de 20000 foi atribuído à quadra de Rum e Quina por ser a mais aproximada, e o 2.º prémio de 20000 foi atribuído à quadra de Garviel por ser a mais engraçada.

Excavações na Cava de Viriato

Salgalhada visiense

Em cata de assunto cá para a gazeta, adregou irmos parar à Feira Franca, onde se bamboleia um raminho de caras bonitas, que é mesmo de um home ficar estarecido.

Vimos, observamos e tivemos de concordar com o amigo Manuel Fernandes, pessoa absolutamente autorizada em questões amorosas. Diz éle, que é bem mais interessante passar a vida agarrado a um bom bocado, do que andar à caça de um parceiro capaz de nos pagar um copo do branco, na Barraca do Chá. Partindo deste princípio, preparamo-nos para a conquista do bom bocado, e se não conseguimos arranjar o pancadão que idealizávamos, alguma coisa de bom nos caiu na rede. Valha a verdade, que nos ficou um pouco cara.

Fomos obrigados a entrar na Barraca do Chá, para onde ela se dirigiu — sem que nos fôsse possível, levarmos o preciso para nos pagar a despesa — e puxamos pelos cordões à bolsa, mostrando assim ao apetecido naco, que não eramos positivamente um pelintra.

Ela é que mesmo assim, parecia não ir muito no bote, o que nos obrigou a fazer muito mais despesa. Já a lua ia alta e os bolsos iam diminuindo de peso, e, nos preparávamos para desistir, em face de uma aparente resistência, quando a sujeita nos mimoseou com um olhar significativo, o que nos fez acreditar que finalmente tínhamos caído em graça.

Daí por diante a coisa seguiu os seus trâmites legais e dentro dessa mesma legalidade, começou o namoro, com passeios para cá e para lá, pela Rua dos Peraltas, indo terminar a um banco da Cava.

Ali, já convencida de quanta sinceridade havia na minhas aldrabices, e um pouco entusiasmada com o meu físico — não levando em conta, está claro, a minha formidável penca — permitia-me gozos celestiais, que me faziam transportar a regiões desconhecidas, e ao som daquela voz sentia-me desfalecer nuns arrebatamentos ao mesmo tempo agradáveis e mórbitos.

A coisa prometia acabar no quarto de uma pensão, quando a criada abrindo a janela deixou que o sol entrasse a passos pelo quarto dentro e me lembrasse de que eram horas de ir assinar o ponto.

Foi o caso de uns pesquisadores, terem encontrado na Cava de Viriato, uns calções de senhora, que foram depositados na Polícia, onde serão entregues a quem provar pertencer-lhe.

Talvez no próximo número já se possa dizer alguma coisa a êsse respeito.

Acaba de chegar ao nosso conhecimento, que um conhecido benemerito desta cidade, actualmente em Lourenço Marques, digo, no Rio de Janeiro, ofereceu 200 contos, para ser feita a dragagem do rio Pavia.

E' mais um melhoramento, a juntar a tantos, que a cidade e os bairros da Ribeira, ficam devendo a tão simpático benfeitor.

Não chegou a seguir o seu destino, por se lhe terem quebrado as pernas, a figura de Mercúrio, que um filantropo cá da terra, que muito sofre dos calos, tinha oferecido à Associação Comercial.

Foi encontrado muito entretido a apanhar canas de foguetes, no recinto da Feira-Franca, o nosso amigo Pingarolo.

Os Dois Reporters.

Mil Reis

Segundo informam da nossa redacção, teve a gentileza de nos procurar êste nosso amigo e colaborador. Infelizmente temos andado a veraneiar por Paredes acima e abaixo, e por isso não nos foi dado o grato prazer de abraçar tão querido camarada.

Para a outra vez será, se bem que nem sempre se apanham Mil Reis à mão de semear...

PEÇAS E

estava
sem...



DECIMA QUARTA PEÇA DO CONCURSO

TUDO PELA DIREITA

Peça policial sinaleira em dois automóveis e um carro de bois

PERSONAGENS

O Sempre Têso — polícia sinaleiro muito feio
Dois condutores de automóveis
Um guarda-freio da Carris
Um condutor de bois

A cena passa-se na esquina de Sá da Bandeira e 31 de Janeiro às 5 e meia da tarde.

SEMPRE TÊSO (com cara de nenhuns amigos, respondendo entre dentes a um automóvel que estava parado em frente à igreja dos Congregados) — Pois sim, rala-te...

O AUTOMÓVEL — Rrrru... Rrrru... Hua... Hua...

SEMPRE TÊSO — Bem podes enrouquecer à vontade que a tua hora ainda não chegou.

UM ELÉCTRICO (em frente à Camisaria Gomes) — Tim... Tim... Tim... Tim...

SEMPRE TÊSO (fazendo um sinal afirmativo. Depois, com os botões da sua farda...) — Estes, sim. Estes tem razão de serem bem servidos. Coitados, andam em pé um dia inteiro!... E aquela coisa de estarem tantas horas com a mão no manípulo deve cansar o peito.

O GUARDA-FREIO 622 — Obrigado ó Sport... Tu és dos nossos.

SEMPRE TÊSO (num gesto de superioridade) — Pois claro... (num gesto de desdém muito superior, faz sinal ao automóvel para que avance).

O AUTOMÓVEL — Huah!... Huah!... (em frente ao polícia a «primeira» passou a «ponto morto» e fez estacar o carro).

SEMPRE TÊSO (ao condutor) — O cavalheiro não sabe que é porivido parar aqui no meio da via. Polciga ou enverede para um lado. A via quer-se desimpedida.

O CONDUTOR — A culpa foi sua. Estive parado tanto tempo que o motor arrefeceu.

SEMPRE TÊSO — Tadinho!... Para a outra vez traga um edredon de casa. (Atrás ouve-se o barulho de um carro de bois).

O BOIEIRO — Ei!... Anda lá est... afermo!...

UM BOI (dando o sinal de alarme — Uuum!...

SEMPRE TÊSO (ao condutor do automóvel) — Ande lá para a frente...

OUTRO AUTOMÓVEL (que vinha do lado de 31 de Janeiro) — Rrau... Rrau... Rrau... Rrau...

SEMPRE TÊSO (levantando o pau) — Esta raça não acaba. (ao homem dos bois) Tenha a bondade de passar. Pode vir mesmo aqui pela esquerda.

O HOMEM DOS BOIS (soltando uma fraga de fazer córar a mãe de um deles) — Ei!... (Avança por onde calha).

O CONDUTOR DO 2.º AUTOMÓVEL — O' senhor Guarda, então eu não sou gente?

SEMPRE TÊSO — Olhe lá se quere comparar-se aos bois. (ao boieiro) Vo cê quere uma ajudazinha?

O BOIEIRO (vindo a êle) — O que eu queria era lume para ésta beata...

SEMPRE TÊSO — Ora essa! Tem aqui uma caixa... (reparando no 1.º automóvel que ainda está parado) O' amigo: isso é um cágado ou uma galinha choca?...

CONDUTOR DO 1.º — Estou à espera do sinal...

SEMPRE TÊSO — Isto aqui não é nenhum leilão! Ora ande lá prá frente se não chamo a brigada. (O 1.º automóvel desaparece. (Ao homem dos bois) Coitadinhos dos animais! (Limpa uma lágrima).

CONDUTOR DO 2.º AUTOMÓVEL — O' sr. Polícia: olhe que eu tenho mais que fazer.

SEMPRE TÊSO — Também eu e mais estou

aqui em pé, e você está aí sentado. Se tem pressa vá andando, mas cuidado com o código.

CONDUTOR — Estou à espera que você levante o braço.

SEMPRE TÊSO — Hoje não posso. Estou cheio de furúnculos.

CONDUTOR — Mas eu não posso andar enquanto você me não mandar...

SEMPRE TÊSO — Aonde?... Só se for à missa, ali à igreja!... (atrás do carro de bois juntou-se uma fila enorme de automóveis, de camionetes, de carroças. Atrás do automóvel uma bicha de eléctricos. Todos juntos fazem um chifrim atroador).

CONDUTOR (abespinhado) — O seu papel é ser b.m educado. E eu vou-me queixar à direcção.

SEMPRE TÊSO — A direcção agora é porivida! (erguendo o pau) Siga lá prá frente. (O condutor de escamado que está faz ranger os dentes das velocidades e parte). (Ao boieiro) Estes animaizinhos fazem-me uma pena!...

Felizmente houve uma camionete desarvoadada que, tomando o freio nos dentes, atropelou o Sempre Têso. Se não, isto não acabava tão depressa.

Zé Ridente.

CARTAZ DE HOJE

Sá da Bandeira: Brevemente, estreia duma grande Companhia de Revista.

Rivoli: Sessões de cinema com as melhores reprises da época finda.

Batalha: Os melhores filmes da temporada, em reprises sensacionais.

Albano Ramos Pais & Filho
ALTA COSTURA



Atelieres de vestidos e roupas brancas
Rua Sá da Bandeira, 166 — PORTO
TELEFONE 4258

Concurso do papel rasgado

5.^a CARTA

Minha ...

Não há outro re-
profundamente mas tem que
morreu. Servir-me-á nas
a lembrança da sua di-
muita pena e não tenho re-
os tenha. Só a ela, deve o esta-
Adeus. Pela derradeira vez me

Dr. Knox.

Nome
Morada

Palavras certas

(Cortar por aqui)

Aí vai a terceira carta, tal e qual o Dr. Knox a escreveu:

Minha querida Cunegundes:

Quem espera desespera. E tu ontem tornaste em realidade este risão. Mas se eu adivinhasse que faltavas não seria eu o primeiro a chegar. Esperei uma hora. Hoje arrependo-me de o ter feito. Paciência. Foi mais uma hora má. A-pesar-de de tudo creio em ti e dou-te o meu perdão.

Dr. Knox.

Ora aí está: um verdadeiro pau por um olho. Mas os nossos concorrentes quiseram levar a coisa para outro sítio, e o resultado foi ficarem com muito poucos pontos.

Com mais de 30 palavras certas, temos apenas os seguintes:

Formozinho da Sé, 34; Marcos Correia, 34; Marcolino, 33; Lamise, 32; Almiro Pôrto, 32; Manuel F. Tavares, 31; Impávida e serena, 30.

Sendo dois, dos concorrentes que começaram a terceira semana.

A'queles que até agora totalizaram número de pontos inferior a 30, e cuja lista geral só publicaremos no final do concurso, pedimos o favor de irem controlando.

Damos em seguida as cartas mais interessantes que recebemos:

A primeira e segunda, que conseguiram adivinhar o sentido da nossa:

Minha Cunegundes:

Quem espera desespera. Ditado que tu ontem tornaste em realidade pois me fizeste desesperar. Mas se eu adivinhasse que virias falar-me seria eu o primeiro a não comparecer. Agora arrependo-me de o ter feito mas já não tem remédio. Passei uma hora má. A-pesar-de de tudo concedo-te o meu perdão.

Dr. Knox.

Remetente: Sempre Pronto.

Minha querida:

Quem espera desespera. E' certo. Tu ainda ontem tornaste em realidade este velho ditado. Mas se eu adivinhasse que chegavas tão tarde, não seria eu o primeiro a aparecer. Acredita. Por isso arrependo-me de o ter feito tão cedo, para chegares aquela hora má. A-pesar-de de tudo concedo-te o meu perdão.

Dr. Knox.

Remetente: A. Meneses.

A terceira, que virando do avesso a nossa carta conseguiu dar-lhe um seguimento curioso:

Minha querida:

Quem espera sempre alcança e tu ontem tornaste em realidade o meu maior desejo. Mas se eu adivinhasse que te zangavas, pôr te beijar, seria eu o primeiro a conter-me. Agora, acredita arrependo-me de o ter feito mas é tarde. Foi numa hora má. A-pesar-de de tudo espero merecer o teu perdão.

Dr. Knox.

Remetente: Greta Garbo.

E a quarta então que cheira a cipreste que tresanda:

Minha querida:

Quem espera desespera. Não foi sem razão que ontem tornaste em realidade a tua promessa. Mas se eu adivinhasse que o meu desvario te levaria a isso seria eu o primeiro a evitá-lo; arrependo-me de o ter feito todos temos na vida uma hora má. A-pesar-de de tudo espero merecer o teu perdão.

Dr. Knox.

Remetente: Pimpão de Altamira.

Brevemente formidável concurso intitulado:

Qual é o tipo da cabeça descoberta?

Visado pela Comissão de Censura